



As vezes nada ha de mais agradavel do que rever as paginas moitas do passado onde já não ha a vida ruidosa do momento, mas apenas o traço indeciso do que foi. Tudo quanto evocamos surge envolto em suave saudade inexprimivel e parece-nos mais doce a lembrança do que o que inda se vosa; vistas de longe até as coisas que nos maguaram o coração parecem menos ferozes e mais humanas se nos mostram os sentidos na apreciação do que já vivemos.

Agora que se inicia um anno novo, por signal o ultimo do seculo, todas as lembranças antigas voltam ao nivel d'alma para nos dar forças a encarar os problemas de que vem repleto o periodo em começo.

E sempre a mesma angustia deante dos dias que se vão seguir; as mesmas interrogações, as mesmas necessidades. Mas todos temos necessidade da esperança e da

illusão, sem a qual este mundo seria a mais cruel das decepções, eis porque desta vez, como de todas as outras é de nosso dever sorrir e não chorar. Não vale cogitar do que teremos de soffrer, este é o caminho conhecido; vale catar no meio d'ssahores os momentos agradaveis e não envenenal os com a nossa hipochondria que é aliás communicativa, como tudo quanto é triste.

As nossas leitoras, gentis como são, devem ter sempre o sorriso a flor dos labios e este sorriso que é todo encantos não pode apagar-se com a sombra sequer de uma preocupação.

Nós tudo fazemos para merecer a protecção e o carinho com que somos distinguidos e basta passar uma rápida vista d'olhos pela nossa colleção, para se ver que os nossos esforços tem vindo em um crescendo constante, sem que em tempo algum nos sentíssemos tomados de fraqueza ou de animo.

Quem vê as proporções modestas com que, ha 21 annos surgiu a *Estação* e olha para ella hoje, ha de fazer a justiça de confessar que não temos desancado um momento sequer em attender aos reclamos da fami-

lia brasileira de cujo amparo nos orgulhamos de viver. Em principio tinhamos apenas uma modesta pagina escripta em portuguez; tudo mais era o proprio texto francez, o que tornava difficil a acquisição do nosso jornal para quem não comprehendesse este idioma. Hoje tudo, tudo é escripto em muito bom portuguez; a parte das modas sabe toda ella exposta em a nossa bella lingua, manejada por uma redactora distinctissima que temos na Europa e que occulta seu nome verdadeiro sob o pseudonymo sympatico de Paula Candida.

A *Estação* aproveita a oportunidade para testemunhar a esta talentosa senhora o seu apreço e a sua inequivoca consideração.

Quanto as evoluções caprichosas desta corrente de novidades que se chama a *Moda*, desvanecemos-nos de guardar a vanguarda, graças aos nossos correspondentes na Europa e nemhum juiz melhor do que a leitora podera dizer se exaggeramos.

Temos vindo acompanhando os progressos desta capital e não nos lembramos de havermos ficado em atraso em só momento. Bem differente era o Rio de

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat

L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO

A melhor e mais higienica de todas as preparações para o tocadour

Dentifricos Mao-Tcha

PÓ — PASTA e ELIXIR

NINON DE LEGLOS

ecarnecia da ruça, que jamais osun macular-lhe a epiderme, ja passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja folce embotava se sobre sua encaudadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho tabagante, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista facieira jamais confessa a quem quer que fosse daa pessoas d'aquella epoca descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabuttu, que fez parte da biblioteca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, Maison Leconte, Rue du 4 Septembre, 34 à PARIS.**

Esta casa tem-na a disposição daa nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplm, o

DUIVEI DE NINON

Pó de arroz especial e refrigerante

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente e esfolerme mais delicada sem altera-l-a.

LAIT DE NINON

lue da silva de demora-lhe ao pousão e aos ombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

Os Sabões de Ninon

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existi em 12 cores;

SEU SOURCELENE

que augmenta, engressa e brnca as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

tars d'ouza, silvara brillante das mãos, etc., etc.

Devem exigir a verificão e o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, a-setina a epiderme, impede e destró as frieiras e os rachiús.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branca primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual o multo contrafacto.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

Para ser bella encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se a a e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, amé-os e branqueie-os com o **Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

KAROE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Karoe sem narcotico recommendado ha ja 20 annos pelas me-dicas. Facilita a saída dos dentes, evita na faz. de-sser os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Henis, Pariz e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de B^h BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 16 ANNOS DE SUCCESSOS.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Henis, Pariz e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O

VESICATORIO de ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS

Enlize-se a Artig. n.º 11 **ALBESPEYRES** no LADO VERDE

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78 Faub. St-Denis, PARIS

o PRINCIPAL PHARMACIAS

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES



ST JEAN DE LA CROIX

Por sua notavel concentração das plantas as mais uteis e as mais salutaras, a

AGUA DE MÉLISSE

DOS



SAINTE THERÈSE

BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Successor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluta nos casos de Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncopes, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

Janeiro, na epocha de nossa apresentação, do que é elle hoje; o seu desenvolvimento pôde-se agora dizer duplo. Imagine-se que em Julho de 1873, escrevia a chronista da *Estação Violeta*, as seguintes linhas:

« Até que finalmente vai ter a capital do Imperio uma companhia lyrica! »

Quantas temos tido desse tempo para cá e a quantos espectaculos tem comparecido elegantissimas senhoras trajando rigorosamente segundo as prescripções da *Estação*? A pergunta é ociosa, porque a leitora bem sabe que em materia de elegancia e bom gosto que é o que distingue uma terra civilisada, o nosso jornal se preza de ser um verdadeiro thermometro.

Percorrendo-se as paginas do nosso jornal, encontra-se uma pleiade de escriptores do que de mais distincto possui a nossa litteratura e que todos tem honrado a *Estação* com a sua collaboração brilhante:

propaganda, notareis immediatamente que augmentando a parte destinada ao Imperio Americano, collocar-nos hemos na vanguarda de vossos castos dssejos para alcançardes entre as vossas rivas do mundo inteiro a tão disputada supremacia da belleza nativa e da elegancia cultivada.

Hoje dizemos: Gentes leitoras, fortes na vossa protecção, não ha obstaculo que não affrontemos para vos servir. A vossa bondade tem comprehendido a nossa dedicação e é quanto nos basta. Annos risinhos de venturas mil vos desejamos.

A. Lavignasse Filho & C.

successores de H. Lumberts.

A natureza humana

Eu creio ter dado no estudo comparado das litteraturas uma idea muito mais larga da natureza humana do que a que ordinariamente se formula. Sem duvida ha do universal e de elemento commum na natureza humana. Sem duvida podese dizer que só ha uma psychologia, como se pode dizer que só ha uma litteratura, porquanto todas as litteraturas vivem e morrem no mesmo fundo commum de sentimento e de idea.

Mas este universal não está onde se pensa e é falsificar a côr nos factos applicar uma theoria rígida e inflexivel ao homem das diferentes epochas.

O que é universal são as grandes divisões e grandes necessidades da natureza; são, se me atrevo a dizer, os quadros naturaes preenchidos successivamente por essas formas diversas variaveis, religião, poesia, moral etc. A não considerarmos o passado de humanidade, a religião, por exemplo, pareceria essencial a natureza humana e entretanto a religião nas formas antigas esta mudada e desapareceu. O que ha de ficar será o que ella occupava, a necessidade a qual ella corres-



(HOSPEDARIA) OSTERIA NA VIA APPIA

Machado de Assis, Arthur Azevedo, Lucio de Mendonça, Victor de Lara, Olavo Bilac, Luiz Murat, Pedro Rabello, Guimarães Passos, Dantas Junior, D. Presciana Duarte, D. Julia Lopes de Almeida, D. Ignez Sabino, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Alberto Pimentel, Jayme Segnier, e outros muitos; mas os nomes que ali ficam são mais que sufficientes para attestar ás nossas leitoras que a folha que tem a honra de guiar-as em suas preoccupações de bom gosto tem contado o apoio do que de mais distincto possui a litteratura nacional. Ultimamente resolvemos offerrecer-lhes supplementos musicaes e ja nos temos desempenhado desta tarefa, de modo a merecermos os applausos sinceros dos entendidos. Um dos nossos numeros de musica valeu ser illustrado pelo lapis do nosso insigne Parreiras. Em somma, em nossa jornada pelo jornalismo fluminense, temos a certeza de que ainda não mentimos as nossas promessas.

O nosso primeiro numero de Julho de 1873 trazia estas palavras de sua primeira chronica:

« Por agora nos abstemos de apresentar-vos esplendidos programmas especiaes para o Brazil, se forem nos auxiliando com a vossa provitosa, e irresistivel

Conselho da alma

Estala, coração! succumbe á dor

Que tanto te atormenta e te tortura!

Só pôde terminar na sepultura

Essa vida de maguas e de horror!

Já perdestes a fe; não tens amor;

Levaste o sentimento a grande altura.

A vaidade pra ti é uma loucura,

Que tratas com despreso e com rancor.

Mas aguarda um momento de bonança...

Para que has de viver assim tão triste,

Conservando essas maguas na lembrança?

Só quem é fraco a ellas não resiste.

Socega, coração! que tua esperança

Vale por tudo que no mundo existe!

Rio — 98.

ANDRÉ NA SILVA.

pondia e que sera satisfeita um dia por alguma coisa analoga.

A *propria moral*, dando a esta palavra a accepção completa e quasi evangelica que nos lhe damos, ha uma forma de todos os tempos? Uma analyse pontual e licida, pouco cuidadosa da diferente physionomia dos factos, poderia affirmá-lo. A verdadeira psychologia que tem todo o enclado em não designar com o mesmo nome factos de côr diferente posto que analogos, não pode succeder do mesmo modo. A palavra moral será por acaso applicavel a forma que revestia a idea do bem nas velhas civilisações arabe, hebraica, chinesa, que ainda reveste nos povos selvagens?

Eu não faço aqui uma dessas objecções banaes tantas vezes repetida desde Montaigne e Bayle e em que se procura estabelecer com algumas divergencias ou alguns equivoços que a certos povos faltou o senso moral. Reconheço que o senso moral ou seus equivalentes são da essencia da humanidade; mas sustento que é fallar com inexactidão applicar a mesma denominação a factos tão diversos. Ha na humanidade uma facilidade ou uma necessidade, uma capacidade em uma palavra, que a preenchea actualimente pela moral e que o foi sempre e sempre o sera por alguma coisa de analogo. Concebo mesmo que para o futuro a palavra moral se torne impropria e seja substituida por uma outra.

Para meu uso particular dou preferencia ao termo *estethica*. Em face de uma acção, eu pergunto a mim mesmo antes se ella é bella ou feia, boa ou má, e creio ter assim um bom critérium, porque com a simples moral que faz o homem honesto, pode se levar ainda uma vida mesquinha.

Como quer que seja, o imutavel não deve ser procurado senão nas divisões mesmas da natureza humana em seus compartimentos, se assim posso me exprimir e não nas formas que a elle se aüstam e podem se substituir por succedaneas. E' alguma coisa de analogo ao facto das substituições clinicas em que corpos analogos podem successivamente enclur os mesmos quaes

A China offerece-me o exemplo o mais proprio para esclarecimento do que acabo de dizer. Seria inteiramente inexacto affirmar que a China é uma nação sem moral, sem religião, sem mythologia, sem Deus; ella seria então um monstro na humanidade e entretanto é certo que a China não tem nem moral, nem religião, nem mythologia, nem Deus no sentido em que tomamos estas palavras.

A theologia e o sobrenatural nenhum lugar occupam no espirito deste povo, e Confucio nada mais fez do que se conformar com o espirito de sua natureza desviando seus discipulos do estudo das coisas divinas. Tal é o vazio das ideias dos Chunezes sobre a Divindade que, desde S. Francisco-Xavier, os missionarios têm tido os maiores embaraços para encontrar um termo chinês que significasse Deus.

Um estudo attento das diversas zonas affectivas da especie humana revelaria por toda a parte não a identidade dos elementos, mas a composição analogo, o mesmo plano, a mesma disposição das partes, em proporções diversas.

Tal elemento, principal em tal raça, não offerece em tal outro senão rudimentarmente.

O mythologismo, tão dominante na India, mal se mostra na China e entretanto lá é distinguivel em uma escala infinitamente reduzida. A philosophia, elemento dominante das raças indo-germanicas, parece completamente extrahida aos Semitas e entretanto, olhando-se de perto, descreve-se também nestes ultimos não a coisa mesmo mas o germe rudimentar.

No começo da carreira scientifica é relevado a figurar as leis do mundo psychologico e phisico, como formulas de um rigor absoluto; mas o progresso do espirito scientifico não tarda a modificar este conceito. O individualismo apparece em toda a parte: o genero e a especie se fundem quasi sob a analyse do naturalista; cada facto se mostra como *singulier*; o mais simples phenomeno apparece como irreductivel; a ordem das coisas reaes nada mais é do que um vasto balauçar de tendencias produzindo por suas combinações infinitamente variadas appareções sem cessar diversas. A razão é a unica lei do mundo; é tão impossivel reduzir a formulas as leis das coisas quanto reduzir a um numero determinado de *schemata* as phrases do orator, enumerar os preceitos sobre os quaes o homem moral dirige sua conducta para o bem. «Sé bello e então faz a cada instante o que te inspira o coração eis toda a moral. Todas as outras regras são falsas e mentirosas em sua forma absoluta. As regras geraes não são senão expedientes mesquinhos para supprir a ausencia do grande senso moral que basta por si só para revelar em qualquer occasião ao homem o que é mais bello.

E' querer supprir com instruções preparadas com antecedencia a espontaneidade intuitiva. A variedade dos casos embaraça sem cessar todas as previsões. Nada, nada substitue a alma: nenhum conhecimento adquirido pela natureza pode supprir no homem a inspiração de sua natureza.

RENON.

AS NOSSAS GRAVURAS

Osteria na Via Appia

QUADRO DE ABB. FLAMM.

A Via Appia, a rainha das ruas, foi aberta mais ou menos no anno de 512 antes de Christo pelo Consor romano Appio Claudio Cecilio, Pa de Roma a Capua, passando por Boville, Ferma, Appia, Terracina, Formia e Minturne e no terceiro seculo antes de Christo foi prolongada até Brundisium.

Hoje em dia esta estrada notavel, construida para durar eternamente e calçada com enormes pedras poligonales se acha em grande parte destruida.

As pedras do seu calçamento foram empurradas na maior parte no calçamento de novas ruas e novas estradas, das partes conservadas, e especialmente das que se acham nas proximidades de Terracina, ainda se pode avistar a perfeita construcção da estrada, uma verdadeira maravilha.

A estrada era tão larga que dois carros, caminhando em sentido opposto se podiam desviar um do outro. Dos lados, a partir de Roma, e durante uma extensão de muitas leguas havia grande numero de monumentos mortuarios de estrema belleza, cuja magnificencia só pode ser comparada á do monumento da Cecilia Metella.

No mais só se vêem na estrada appia e aella, uma ou outra osteria (hospedaria) e grande numero de ruinas. As primeiras são em geral reconstruidas das pedras dos muros arruinados. Quando Cambray, um dia, contava a bella artista da Via Appia, Napoleo I lho respondeu com um caso:

« Que grandeza havia ali? Pois não foram os romanos os senhores do mundo? »

CHRONIQUETA

Rio, 22 de Dezembro de 1898.

Escrevo sob uma temperatura de 14 grãos á sombra! Nunca senti tanto calor em minha vida! Nestas condições é muito difficil escrever outra coisa que não seja o tal da roupa suja ou a lista dos aumentos para a despesa. Que horror!...

A sessão do Congresso foi prorogada até o fim do anno e na votação dos orçamentos têm sido feitas, grandes economias, realisando-se desse modo o benefico programma do governo.

Com tanto que algumas dessas economias não sejam negativas! Foi principalmente para a administração publica que se inventou o conhecido rifão — O barato sae caro — Economisar, sim, e quanto se possa, porque os tempos não estão para graças; mas e preciso fazel o com todo o discernimento.

A actualidade é o lixo; mas eu, que não tenho, por desgraça minha, a penna de um Ruy Barbosa, não quero trazer semelhante assumpto para as columnas de um periodico destinado ao bello sexo.

Continua a luta entre a Companhia Industrial e os carroceiros, e nem aquella nem a estes faltam advogados que os defendam e adversarios que os ataquem.

Quebra Deus que a população lucre alguma coisa no fim desse interminavel dize-tu direi-eu.

Um pobre moço, que por signal é um moço rico, e de boa familia, tentou suicidar-se por amor de uma rajariga da vida airada, que morava n'uma casa de commodos da rua do Visconde de Maranguape. Vejam que tolice!

Felizmente a bala foi discreta: não quiz penetrar fundo na cabeça do apaixonado, e este, quando ficou completamente restabelecido tanto do seu ferimento como da sua loucura, se convencerá de que os moços bem educados e de boa familia, quando precisam de corações que os amem e que os comprehendam, não devem procurar os nas casas de commodos.

Foi uma bonita festa a primeira sessão de recepção celebrada pela Academia Brasileira de Lettras.

O sr. ministro do interior emprestou para a solemnidade o salão nobre da sua secretaria, e assistiu á festa. O sr. presidente da Republica fez-se representar pelo seu secretario.

O recipiendario era João Ribeiro, insigne prosador, poeta e philologo, que pronunciou um discurso notavel, e foi respondido por José Verissimo com outro discurso delicioso de ironia e de graça. Duas paginas magnificas, que foram sinceramente applaudidas, e serão ambas publicadas no proximo numero da *Revista Brasileira*. Recommendo as em minhas formosas leitoras.



João Ribeiro foi eleito para a Academia na vaga de Luiz Guimarães Junior, cujo elogio formou naturalmente o fundo dos dous discursos.

Estavam presentes as filhas do poeta, a viuva de José de Alencar, a prosadora D. Julia Lopes e a poetisa D. Maria Clara da Silva Santos. O sexo forte (que por ali chamam de fraco) não poderia ter uma representação mais selecta.

Tambem estava presente um homem de letras recém chegado do Norte, onde o seu nome é popularissimo: Euclides Aia, o autor dos *Arbustos* e das *Cartas do Empaate Loureiro*.

E um sexagenario que conserva, no torço e na intelligencia, todo o vigor da mocidade. Comprompto o illustre escriptor maranhense

No obituario destes ultimos dias figuram: a professora de piano e canto, D. Senhora Ribeiro de Mello, que tantas discipulas deixou.— Francisco Antonio da Veiga Cabral, soldado valente da legalidade florestista, distincto funcionario de correio e irmão do herói do Amapá.— Saturnino Ferreira da Veiga, o ex-theatroueiro das loterias, sobrinho do grande Evaristo.

Não quero terminar a minha chroniqueta, sem fazer votos para que as leitoras da *Estação* tenham muitas boas festas e sejam muito felizes durante o penultimo anno do seculo das luzes

ELOY, o HERÓE.

THEATROS

22 de Dezembro de 1898

Tivemos no Variedades a 1ª representação de uma comedia drama em 4 actos, *Os amantes*, original de Eduardo Victorino.

Na peça não ha nenhuma invenção. Uma mulher, que se casa e trairada e não consegue amar o marido, e requestada por um amigo deste e repelle-o; entretanto, abra-se nos braços de um priminho, um estudante, que, segundo ella mesma confessa, podia ser seu filho. O outro enche-se de inveja e de odio, e denuncia a ao marido, terminando a peça pelo suicidio da esposa.

O trabalho theatral é bem feito. Eduardo Victorino tem, incontestavelmente, muita habilidade; sabe mover os seus personagens e arranjar uns finais de acto que impressionam a platia. Tem a sciencia dos efeitos.

Demais, conseguiu amenisar o quanto o seu drama tivesse de sombrio e brutal, com alguns personagens comicos muito bem desenhados.

O que me não agrada absolutamente no seu trabalho é a rhetorica posta na bocca dos personagens dramaticos. A peça teria incontestavelmente mais valor, se esses personagens fallassem como se falla na vida real, e não em termos campanudos, mais proprios para discursos ardemicos ou artigos de fundo de periodicos declamadores.

As honras do desempenho couberam a Eugenio Magalhães no personagem do marido; mas nenhum dos outros artistas comprometteram a peça. Foram elles: Leolinda Amodeo, sempre discreta, Helena Cavalier, Aurelia Delorme, Eduardo Vieira, Guizo, Bragança e Alfredo Silva.

As actrices do Variedades vestem-se tão mal, que não hesito em recomendar-lhes a *Estação* (assignatura annual, 2 \$ 000; Ourives, 7).

Desgraçadamente a crise theatral é medonha e a concorrência ao Variedades tem sido irrisoria. E é nestas circumstancias que o prefeito Sr. Dr. Van Erven se lembra de propor ao Conselho Municipal que dê de mão a idéa de um theatro, e empregue n'outras coisas a importancia dos impostos arrecadados para esse fim, e que constituam um deposito sagrado.

No Recreio reapareceu o actor Leonardo, que se achava no Norte.

Sahiram deste theatro os artistas Medina de Souza e Colas que entraram para o Apollo, e Elandio, que se prepara para fazer uma excursão pelo interior, a testa de uma pequena companhia.

Continuam os ensaios da revista de 1898, *Gavroche*, de Arthur Azevedo.

No Apollo os artistas Medina e Colas appareceram logo no *Surmont*.

Prepara-se neste theatro um bailado, o *Sonho de Benvenuto*.

A companhia de zarzuela do Eden-Lavrado continúa a variar os seus espectaculos, com grande redução no preço dos bilhetes.

Na minha ultima chronica eu escrevi: «A nova companhia de zarzuela que está no Eden-Lavrado é superior a outra que li esteve»; sahi inferior. É o contrario.

As peças com que se estream o Lucinda a companhia organisaada pelo tenor Oxanguere são a *Sua Franca*, comedia em 3 actos, de Miguel Echegaray, adaptada a scena portugueza, e o *Admirador*, revista em acto e 4 quadros, de Orlando Teixeira e Pedro Augusto

Z. X. Y.

Aviso ás nossas assignantes

Ns nossas gentilissimas assignantes cujas assignaturas terminam com o presente numero, rogamos-lhes a fineza de mandal-a reformar sem demora, si é que já não o tenha feito para não haver interrupção na remessa dos numeros que vão sahindo.

NOVIDADES MUSICAES

Recebidas durante a quinzena:

Fertin de Vasconcellos, Morand & C.

ALFENAS, polka de D. Virginia Elisa Martins
 MAIS DOE UMA INGRAÇÃO, valsa de Oscar Lacerda.
 GARRULA, schottisch, de Oscar Lacerda.
 MISSA QUEBIDA, valsa de Americo E. da F. Costa.

Vieira Machado & C.

NEPHILIANA, Schottisch de A. Cavalcanti.

E. Bevilacqua & C.

Schottisch de A. Cavalcanti.
 O SALUTARIS HOSTIA, para soprano com acompanhamento de Orqão por Bernardt Wagner

Manoel Antonio Guimarães.

APAINOSAL, valsa arrango de P. L. Hallier.
 VESTIBULO DE PASSADOS, quadrilha, arrango de Juca Storoni.

Julio Reis, Cantabile mimatura em prosa e musica.
 Fatma, romance, paroles de H. Drucker et musique de C. S. Cavalier Darbilly.

Premio as nossas leitoras

Qualquer pessoa que se dirigir ou mandar la parte deste jornal ao sr. J. B. A. Petit 113, Rua do Rosario receberá em troca da quantia de 15000 um bonito estojo contendo um virinho de DENTOL, Agua dentificia tão na moda agora, uma caixinha de pasta DENTOL, uma caixinha de pó DENTOL e uma escova de dentes.

É um bonito presente que temos a satisfação de offerecer ás nossas leitoras.
 Pelo correio 2500.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'estas não demonstradas pela perfeição do trabalho justa adaptação e grande admiração de todos que as tem examinado.

Para mais informaçoes dirigi-se ao Consultorio do

Dr. J. R. Ebert

DENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 - 1º andar

ULTIMAS NOVIDADES MUSICARS

Grande estabelecimento de pianos e musicas

FERTIN DE VASCONCELLOS, MORAND & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Alceste, polka de M. Pedroza.....	1\$000
Cubana (1ª edição) polka de J. G. Christo	1\$500
Merredes, 2ª edição, polka de A. Giannini	1\$000
Santi ha, polka de J. G. Christo.....	1\$000
Lois des yeux, mais près du coeur, habanera de J. M. Perdigão.....	1\$000
Adamastor, 1ª edição, valsa de M. Leroy	1\$500
Diva (18ª edição), valsa de J. G. Christo	1\$500
Mais doe uma ingratação, valsa de O. Lacerda.....	1\$500
Maraghallo (1ª edição) valsa de J. Reis	1\$500
Milha quando (sucesso) valsa de A. E. Costa.....	1\$500
Devaneio, valsa de A. Cavalcanti.....	1\$500
Elegante, valsa de Aurelio Cavalcanti...	1\$500
Nirvana, valsa de Oscar Carneiro.....	1\$500
Unstre comu em 7ª ed., valsa de Evosah F.	1\$500
Von pensou, valsa de Amelio Cavalcanti	1\$500
Americano, pas de quatre de J. Reis...	1\$500
Garrula, schottich de O. Lacerda.....	1\$500
Grinalda de nova, schottisch de Evorahilte	1\$200
Plante, mazarika de Anna M. de Freitas	1\$000
Borboletas, quadrilha de E. Couto.....	1\$500

Remettem-se encomendas para o interior

147, Rua do Ouvidor, 147



CRÈME SIMON
 PARA
 conso var ou dar
 ao rosto
**FRESCURA
 MACIEZA
 MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospheria, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
 PHARMACIAS, PERFUMERIAS
 e lojas de Cabellereiros.

Descanflar das Imitações.



Espartilhos de M^{mes} de VERTUS SCOURS
 Forma modificada para as
Modas de Paris, 1895
 Sobre tudo evitar as **Contrefacções**
 Exigir a medalha de garantia.



PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA
 ACADEMIA DE MEDICINA
 DE PARIS

Resumem todas as
 Propriedades
 do IODO
 e do FERRO.

40
 Rua Bonaparte
 PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Auemia*, *Chlorose* e todos os casos em que se trata de combater a *Pobreza do Sangu*.

A idéa christã

Qual é a presunção da sciencia incredula

E' que o christianismo não pôde supportar as exigencias rigorosas da critica philosophica, tanto quanto tacto dogmatico e revelado.

A esta presunção podemos responder que o christianismo se apresenta no exame do philosopho com caracteres verificaveis em um sentido, indeterminaveis a priori em outro.

A idéa christã — mysterio e graça — é verificavel e objecto de sciencia em tudo que diz respeito as suas condições de interioridade e de vida nas almas. Ella é indeterminavel a priori em tudo quanto constitue quer o dominio intrinseco dos mysterios revelados, quer o dominio da vida espirital resultante da efficacia immanente da graça. Ou por outra, não é possível prejudicar o sobre natural senão em suas condições humanas de realisação e em nossa finalidade interior preordenada a recebel-o do exterior.

Eis porque toda apologetica é forçada a ligar-se ao facto historico da Revelação.

Mas, enquanto a apologetica tradicional apresenta o facto, immediatamente, sem se preocupar se este processo choça ou não a autonomia do pensamento e da vida interior, a apologetica nova começa por destacar suas condições immanentes; e a faz uma vasta exploração na alma humana e pergunta em que é que uma heteronomia poderia ferir-a ou contrariar seu progresso moral e intellectual. Ou por outra, a nova apologetica mostra que o homem integral deve ficar exactamente o que é para receber o divino.

Vae mais adiante. Em face de uma dupla finalidade interior tão desejosa de acção e de progresso quanto o revelam a idéa religiosa e a crença, o apologeta constata que esta interioridade ultrapassa em atractivo e em necessidade o que todo poder humano pôde dar e conceber: ha em nos, incultos ou civilizados, um appello constante e energico a sobrenatureza e um logar largamente prompto para recebel-a.

A sobre natureza e pois de algum modo uma aspiração imperiosa que, por si só, prejudica seu objecto, sua possibilidade, sua realisação. E por este meio accerta livremente o facto de uma Revelação historicamente determinavel.

Qual é esta sobrenatureza cujas condições de realisação nós destacamos? Quais são seus criterios? E, o que determinaremos no capitulo seguinte...

Padre CH. DENIS.
(Continua)

O poeta

A prosa de Michelet não é quasi sempre senão poesia livre de peias e entraves prosodicos; e muitas vezes nem essas regras lhe faltam. A cada instante se encontram no seu dizer versos completos, alexandrinos hendecasyllabos, com os accents e as cesuras nos seus logares. Para julgar este aspecto do grande escriptor, ninguém mais competente do que outro poeta e, entre os da moda na geração, nenhum mais auctorizado de que Mr. Henri de Régnier, de todos os jovens cultores do rythmo e da rima o que possui em mais alto grão o dom supremo: a inspiração.

Um grande poeta pela imaginação, por um dom de imagens infinito, pela abundancia lyrica; e como se esta força poetica secreta tivesse se querido manifestar-se, atesta-se, visivel e furtiva, mas continua, por innumeraveis alexandrinos, esparsos nessa prosa moedifica, que a rythmim com a sua cadencia subita; são como as agnas harmoniosas dos vastos redemontes desse estylo amplo, mobil, onduloso, tumescente de levadia, que espuma, se nacara, se irisa, se assombroia e, penetrado de um sal incorruptivel, deixa nos ouvidos um fragor de procella e nos labios um sabor de energia e de embriaguez.

Esse grande homem foi um homem. Foi da humanidade do seu tempo, da sua raça, do seu paiz. Se viveu no passado, viveu tambem no presente. Sua alma, na sua flor, teve as suas raizes mesmo no coração da Jovo e da Patria. Amou a justiça e a verdade e, como o homem, mistrou-lhe a violencia e o erro. Só o amor

ficou. O que houve de terrestre em si desapareceu: um nimbo rodeia a sua memoria. E' como essas geleiras dos Alpes que expulsam de si mesmas os corpos estranhos para permanecerem na sua pureza natural. A sua transparencia é uma das bellas nascentes humanas.

Behamos nelle a agna magica e que ella nos faça ouvir, como elle e por elle, a voz do amor e distinguir, do alto da montanha, no ar limpido, na terra viva o rido que fazem a aza da ave e a antena do insecto e comprehender o segredo da vida através do murmuro dos seculos e do rumor da vida.

As montanhas

Vejo as montanhas, juntas, conspirando
no fundo do horizonte.

Um monte veperando
levanta, calvo e sobranceiro, a frente,
e parece falar, com voz do mando.

Um fremito de guerra
Percorre-as, monte a monte,
e agita toda a serra...

Men Deus! meu Deus! que querem as montanhas?!
Uma, entre todas, cuja altura aterra,
como antevedo a gloria das façanhas,
ergue o pico, hasivel!...

O' Deus! meu Deus! vinda aplacar-lhe as sanhas!
Livra-te, não, si é possível,
de uma guerra de morte das montanhas!...

FORTOURA NAVIER.

Longe

Longe, no mundo que e distante agora
Para a nossa alma nesse amor unida,
Desvaira e lueta e raiva e grita e chora
A gente sem ventura e sem guarida.

Perto, sinto-te e o riso que te enflora
O labio, é como a luz de ouro descida
Do ceu, hostia purissima da aurora,
Sobre o meu coração que é minha vida.

Floresce em nos as rosas da Ventura,
E os homens vemos na vereda escura
Longe, entre o mal e as tentações do ermo

Rebenta o cardo a flor do mal, que importa
Nossa alma morda sempre, o azul recorta,
Santificada neste amor sublime!

LUIZ EDMUNDO

Mosaico

BEIJO: Flor de todas as estações, de que se faz muito commercio, e mas que só tem valor quando não custa nada.

CORAÇÃO: O finteiro do poeta.

GESTO: Teleglypho do pensamento.

GRANHAO: Digestão de um beneficio, operação geralmente muito trabalhosa.

HEROGLYPHO: Assignatura de um ministro.

IMITADOR: Ladrão que rouba o dinheiro e deixa ficar a bolsa.

IMBENITE: O ideal do Realismo.

INVIDIA: Confissão implicita de inferioridade.

JURO: Prisão cuja chave temos no bolso.

LIVRO: Garrafa que nos enche se esvaziar.

PLETU: Cidadão que não quereria ser barão... si pudesse ser marquez.

POETA: Sujeito de quem os idiotas de todos os tempos nunca puderam gostar. (Mossier).

SILVAREM: Povo que traz argolas no nariz... em vez de as trazer nas orelhas.

TRABALHAR: Meio de ao mesmo tempo ganhar dinheiro e não gastar.

VETERANO: Guerreiro que não cessa de escrever e tornar a escrever as suas memorias em voz alta.

INSOLENTIA: Faldugia do bungeiz.

VAIO: Sujeito que geralmente se gaba de concluir a vida.

MULHER: Cretura que fuge quando perseguida, e chora quando abandonada.

ESTRIBIZ: Dote que tem certa gente que tudo explica porque tudo comprehende.

UMA RECEITA

CONSERVAÇÃO DO FEIJÃO VERDE

Collecione-se feijões escolhidos n'agua fervente temperada de sal.

Quando estão cozidos, retiram-se com uma eschumadeira e meigulham-se n'agua fria.

Logo que esfriem, encerram-se em potes de grés com uma selmoira forte que se cobre de uma ligeira camada d'oleo.

Fechando os potes hermeticamente, essas conservas podem-se guardar por muito tempo.

Antes de servir os feijões em conserva é preciso tirar-lhes o sal.

Entre pai e filho.

— Papá, venho pedir-lhe um favor.

— O que queres?

— Que me empreste a sua medalha de deputado.

— Para que, meu filho?

— Para poder fazer barulho na classe, e não ser castigado!

☆

No tribunal.

— Como, diz o juiz a ré, Vcc. vem queixar-se de que seu marido lhe deu grande numero de bofetadas se elle é maneta!

— Justamente, sr. juiz, elle batia-me com toda a força dos braços!...

☆

EPIGRAMMAS DE CURVO SEMEDO

Da varra Laura a figura
Quero ao proprio retratar
Começo por bosquejar
A sua bella estrutura:
Braços, peito, hombros, cintura
Pude-lhe ao vivo imitar.
Emquanto ao corpo, vae bem.
Von-lhe a cabeça ajuntar.
Mas... ai! triste! em que logar,
Si não sei onde ella a tem?!

☆

Ha no amar sem ser amado um encanto melancolico e profundo: e bello nos lembrarmos daquelles que de nos se esquecem. — Th. Gautier.

Oh! os inglezes!

La vae a titulo de anedocta — e de anedocta pelo menos opportuna, dada a quadra balnear que atra vessamos.

Um inglez, professor de natação, achou se herde de um extraordinario processo quando menos o esperava. Foi o caso de terem sido promulgadas, ha vinte annos, no Reino Unido, leis que prohibiam aos homens banharem-se proximo de qualquer mulher, preparando, para o caso, a distancia minima de 100 jardas ou seja cerca de noventa e tantos metros.

Ora o réo era, de ha muito, professor de natação; exercia sabe Deus como a sua profissão em Swanage, a beira mar e tinha ensinado a innumerous rapazes e meninas inglezes a arte de fluctuar e accionar dentro d'agua.

Eis que ultimamente, porém, e citado, com funda surpresa sua, para comparecer no tribunal por ter transgredido a lei e ter se approximado a quem ha 100 jardas, de pessoas do sexo feminino. Compareceu perante o jury com o respectivo advogado.

Concordou este sobre a formalidade de não; fez por notar que o seu cliente não estava tomando banho, que sim, ensinuava a nadar e seria algo dolido dar lições de natação, mesmo as 5 horas... a noventa e tantos metros de distancia... Não serviu de nada.

O tribunal deiduiu que, perante os termos da lei, o professor de natação devia ser considerado banhista. Não obstante, graças a liberdade que se arrogam, por vezes, os tribunales inglezes, deiduiu que a lei não deixava de ser ridicula; tanto mais que não havia a inculpar ao réo qualquer outro acto de natureza reprehensivel.

Assim, consentiu em lhe amenisar, tanto quanto possível, a pena que tinha de lhe applicar. E o professor de natação, graças a clemencia dos juizes, ficou quite para com a justiça por um *schilling* de multa e metade das custas.

Devemos notar que amoletoa lhe chamamos nós, pois o jornal onde encontramos a noticia da-a como veridica.

Enfim, tudo e possível.

Os gatos raivosos

O Temps conta o seguinte caso sucedido em Paris. Uma senhora atravessava ás duas horas da tarde o pateo do Instituto Pasteur, levando pela mão uma sua filhinha de cinco ou seis annos. De repente, um gato sae d'uma porta, atravessa o pateo como uma flecha e lança-se sobre a creança, miando desesperadamente. A pobre mãe, assombrada e trançada de susto, procura evitar com a sombrinha as investidas do animal, que espumava raivoso; mas este, bruscamente como viera, volta-se e salta sobre um rapaz, que passava, mordendo-o na mão. Ao mesmo tempo apparecia um segundo gato miando, com a bocca cheia de espuma, e apresentando como o primeiro todos os symptomas da raiva.

Estabeleceu-se então o pânico geral; n'um momento, o pateo estava deserto, e nas duas extremidades, na rua Mazarine e sobre o caos, avisavam-se as pessoas para não passarem, formando em breve ajuntamentos, onde se fallava d'uma explosão, d'um incendio, d'uma manifestação de estudantes, etc.

Entretanto chegava a policia que, de sabre em punho, e com todas as precauções, penetrou nos pateos, não encontrando já os animaes. Estabeleceu-se então uma batida em forma. Os policimas e os moços exploraram os vestibulos, as salas e por ultimo os subterraneos, n'um dos quaes, agachado a um canto, estava um dos gatos, que foi logo morto a golpes de sabre; momentos depois o outro tinha a mesma sorte n'um dos corredores.

Os dois animaes foram examinados por um veterinario, que declarou estarem atacados de raiva.

A policia procedeu a um inquerito, não tendo sido encontrado o rapaz que foi mordido.

Avê imprensa!

Ha seculos, um dia, algum em cuja mente Rutilante lullura o sol da nova ideia, N'um exultar de luz, sentira finalmente — Ao raio d'essa luz — o sangue em cada veia Latejar-lhe febril, impetuoso e ardente.

Era a febre do genio, as criações estranhas — Breve alento fugaz da vida, que consomem — De quem rasga da terra as lobregas entranhas; Era a febre que torna em semi-deus o homem, E que, no arrojio, o eguala á aguia das montanhas!

Havia alguém por fim, em seu recanto obscuro, Deserto a imprensa. O pensamento humano Voava em transmissor mais rapido e seguro. Forçava, em outra força, um outro deus Vulcano — No Livro e no Jornal — as armas do futuro.

Na luta de exterminio eternamente accessa Entre o alvor do Presente e a treva do Passado, O prelo substituiu a velha balteaza, E, nas caixas, o typo, moído, enfileirado, Vale mil batalhões, na astucia e na lezeza.

A penna que ao papel transmittie o pensamento, Multiplica-se a força. A ideia que derrama Enche'd um facto o mundo, e, hauido esforço e alento, Assim transfigurada ao sopra que a inflama Echoa mais que o som e corre mais que vento!

Pôde a palavra alada, assim, de terra em terra, Propagar-se veloz com um influxo novo; E no rijo combate em que as suas hostis cerra Para a conquista auzad d'um nobre ideal, o povo No typographo encontra o seu peão de guerra,

E' o Livro que diffunde o facto e a doutrina. Na aza de condor leva o Jornal moderno A semente de luz que esplendida germina, E, que, ao desabrochar em um claro ethero E' facto que incendeia e phaloi que illumina.

Hemido seja, pois, quem indomavel ergue Com seu braço robusto essa alavanca immensa Que um mundo pôde alar sem que fraqueie ou vergue, Hemido o fact lux de que raioi a Imprensa A' voz d'esse titan chamado — Gutenberg!

ALFREDO DA CUNHA.

O theatro hespanhol

A GUERRA EM "EXPOSIÇÃO"

Um distincto critico francez, sr. Alfredo Gassier, auctor tambem de varias obras dramaticas e de tre estas um "Juazeiro que causou sensação pelo que poderiamos chamar a independencia" do argumento publicou recentemente um livro de verdadeiro interesse, especialmente para os nossos visinhos. Intitula-se "Le theatre espagnol", e é uma historia das mais completas, das mais bem escriptas e feitas com maior consciencia e conhecimento de causa que se tem publicado no estrangeiro acerca da scena hespanhola.

"L'immense d'oeuvres et de noms qu'offre la litterature dramatique de l'Espagne arrete au seuil de son histoire, et l'on heste à y pénétrer, ébloui de tant de grandeur. L'no sorte de respect filial nous prend devant ces génies, ces talents sans nombre, d'ou nos maîtres tragiques et comiques sont sortis; leur foule se présente à l'admiration comme dans un rayonement

unique, et il me semble qu'on ne classera par plusieurs; ómes q' e les étoiles d'un ciel merveilleux."

Com este hymno de adoração, que reproduzimos, sem o traduzir, para não esbater a energia do original, começa o sr. Gassier a sua obra. — A riqueza do theatro espagnol equivale á de tres ou de mais theatros reunidos, — affirma ella. E desde este momento salta pa o leitor que tem em frente a obra de um entusiasta franco e resoluta; a leitura de suas paginas demonstra-lhe que esse entusiasta é tambem um reflexivo; um artista e ao mesmo tempo um erudito que, levado pelas suas admirações, persistiu em estudar a fundo o assumpto e tomou-lhe decididamente o pulso antes de o entregar á publicidade.

Devem agradecer-lhe os nossos visinhos, por não ser costume, diga-se em honra da verdade, da immensa maioria dos historadores, criticos e commentadores estrangeiros tratar as coisas da pennsula com exactidão e perfeito conhecimento d'ellas. A superficialidade das apreciações e dos juizes correspondendo necessariamente á superficialidade dos conhecimentos, tem produzido numerosos estudos, chagados d'errores de toda a casta, e unicamente bons para dar uma ideia falsissima da litteratura dramatica hespanhola. Desde o allugão que affirmava, com admiravel sufficientia, que Lope de Vega fora "apenas notavel pela fecundidade, e que em Hespanha não existira nenhum auctor dramatico verdadeiramente original" até o inglez que, tendo ouvido fallar de "Manolo" proclamava Ramon de la Cruz o primeiro dos "tragicos" hespanheis, — tem-se escripto disparates inacreditaveis. Mas d'entre a turba multa de ignorantes, sobreemem alguns conscienciosos eruditos, illustrados escriptores, que imparcialmente trataram a materia com a attenção e a clareza d'observação mercedica; e n'esses escriptores e eruditos distinguem-se o sr. Gassier, que de certo consagrou largos annos a preparar a sua obra, em que brillam o seu espirito sagaz e solidos conhecimentos, tanto na parte historica como na classificatoria methodica e na analyse dos escriptores hespanheos e suas produções.

As primeiras epochas do theatro hespanhol, o cyclo de Lope de Vega, o calderoniano, o que depois lhe succede, o periodo moratiano, o moderno e o contemporaneo, são successivamente estudados e analysados pelo escriptor francez com uma auctoridade em que correm parellas a documentação e um espirito realmente critico: de Juan da Encina, o verdadeiro iniciador do theatro em Hespanha, como do Fenix dos engenhos; de Calderon como de Tirso, de Alarcon, de Rojas, de Moreto, faz o sr. Gassier um exame tão pormenorizado como profundo, sendo de sumo interese pela imparcialidade e justiça que revelam, as acertadas observações acerca da influencia tão poderosa e directa exercida por aquelles mestres no theatro de Corneille e de Molière. Muitas das figuras do livro de que estamos fallando, por exemplo as dedicadas á philosophia calderoniana, á figura typica de Tirso ao periodo da decadencia, são de brilhantismo e perspicacia raras, sendo de agradecer os brios com que o auctor se revolta as injustiças e incongruencias de mais de um dos escriptores estrangeiros relativamente aos escriptores da pennsula.

Dizemos que o sr. Gassier documentou o seu livro: á sua propria observação acrescentou ás dos melhores commentadores hespanheos, estudando detidamente os trabalhos de Moratin, de Gil de Zarate, de Lista de José Yxart, frequentemente citado a proposito de litteratura contemporanea; — e deve confessar-se que da leitura de tão eminentes tratadistas, em dramatico soube o sr. Gassier aproveitar-se bellamente, não subordinando o seu criterio pessoal ao d'aquelles, mas recorrendo á sua auctoridade para estabelecer com maior firmeza seus juizes criticos.

Comprehendida no mesmo volume ha uma extensa e interessantissima monographia de Moreto e seu theatro, pelos quaes o escriptor parisiense parece sentir grande admiração, accenhadna e demonstrada por uma curiosa refundição em francez do "San Gil de Portugal". Esta peça uma das mais originaes que saíram do cerebro d'aquelle engenho, e que entre nós é geralmente desconhecida, foi traduzida, refundida, e dada a scena em Paris pelo sr. Gassier, a quem a arte lisa pana, e nos tambem, devemos sinceros agradecimentos.

Os horrores do conflicto hispano-americano suggeriram a um escriptor helga uma ideia que, realisada, daria talvez beneficos resultados para a humanidade.

Em todas as exposições universaes, diz esse escriptor, figura indispensavelmente uma "seção militar". O publico contempla com curiosidade toda a engenhosa organisação dos aparelhos bellicos, apresentados de maneira artistica e agradável. Os trophieus decorativos, os canhões de nova invenção, os projectis de diverso calibre, todos os ultimos inventos da artilleria e da engenharia se exhibem ali em grata combinação a vista. Tem um aspecto tão felicitoso, tão bonito, que, ao curioso que os examina mal lhe occorrem, ou so muito vagamente lhe traz a memoria a indecisa imagem dos terriveis destroços, dos immensos males que aquelles bellicos utensilios podem causar no dia em que duas nações inimigas bajam de os utilisar. Enfim nada lhe repugnante, nem de horrivel n'esse "atrazzo" militar; ao contrario. O espectador limita-se a admirar a sabedoria e o poder que tais inventos representam; e raro é que a sua imaginação vá mais longe. Verdade é que não temo todo o ensino de ver um campo de batalha, e de motivos verdadeiros para estremer de espanto e de indignação.

Dahi, funda-se o alludido escriptor para reclamar a criação de uma segunda seção militar, annexa a primeira, na qual se exhibiriam aos olhos do publico os "effeitos figurados" d'aquelles inventos,

Elle quizera que, por meio de quadros plasticos, figuras e accessorios de tamanho natural, o visor formasse ideia exacta das grandezas da guerra. Cadáveres destroçados, combatentes luctando no campo da batalha com as ancia da morte, amarrados com os feridos, medicos praticando amputação, todo o sinistro scenario da guerra n'produzido com maior realismo o possível e sem nenhuma attenuação, pareceriam horrores.

Levando esta imitação quanto mais longe fosse possível, o publico surria facilmente impressionado de sa impressão, generalizada entre todas as classes sociais, poderia sair um germen psychologico de alcance para a estabilidade da paz.

Excellente nos parece a ideia e bem seria que se puzesse em pratica, ainda que mais não fosse senão para obter resultados relativos. Para affastar o obscuro espectro da guerra verdadeira, não deveria desprezar-se tentativa alguma.

Das scenas de aniquilamento e de destruição que offerecem as luctas militares, não tem a immensa maioria das pessoas senão uma ideia muito vaga e quasi sempre erronea; jamais a imaginação, embora se exalte, chega a conceber a percepção nitida e exacta de que é guerra. E como por cad com mil seres humanos que vivem tranquillamente em suas casas haverá uns tantos soldados que tenham visto de perto o espectáculo de um campo de batalha, resultará sempre que a verdadeida foja em seu cerebro colectivo uma ideia remota e assaz debil do que seja um campo de batalha.

Para os que vivem em cidades pacificas, não são os telegramas, nem as cartas estrategicas, nem as gravuras das "Illustrações" que dão a impressão fiel do bombardamento d'uma praça, d'um ataque ás trincheiras. Por muito que seja a vontade imaginativa, não conseguimos ter o calor do pavor e da angustia, que nos succederia se estivéssemos em frente do tremendo espectáculo que devem offerecer os navios em chamas, cobertos de mortos e de agonisantes, ensojados em sangue, cheios de despojos humanos; e talvez os mais arduos partidarios da guerra modificassem a sua opinião perante uma chuva furiosamente sybilante de ferro e fogo que deixa a ruina e a morte onde cae!

Mas, ainda que seja impossivel dar uma impressão completa da guerra a quem não a tenha visto, seria impossivel fazer d'ella uma imitação grafica, susceptivel d'emozionar o espectador. O meio proposto pelo escriptor helga parece-nos bem indicado. Lembra-nos, ha annos, termos visto n'uma collecção de figuras de cera, uns quadros d'effeito. Um d'elles representava um zuavo ferido mortalmente, agonizando sobre a enxada; rosto livido, olhos vitrosos, labios brancos e ent'albertos, acusavam a morte proxima, inevitavel; por um machinismo engenhoso, as palpebras cerravam-se lentamente se aliriam o peito arfava com offegante respiração. Esse zuavo moribundo exercia nos visitantes não sei que fascinação dolorosa que se reflectia no silencio dos espectadores, uma especie de mal extra-evidentes, a que os vergava o sentimento da oppressão. Era, porém, aquella singello quadro uma nota dubil, isolada. Por esta recordação, julgamos do immenso effeito que produziria uma serie de quadros imitando a guerra, não na sua grandezza heroica, mas em toda a sua humana verdade, apresentando a nós como uma visão bellica d'intrepidez, mas como uma carnificina horripilante.

Francisco Mysterio (Lisboa.)

COLLETES

Mme. Camille Dupuyrat

143 RUA DO OUVIDOR 143 RIO DE JANEIRO

Os colletes privilegiados de Mme. Camille Dupuyrat são os unicos proprios para a moda actual, offerecem sobre os demais colletes as vantagens seguintes:

Alonga e adalgica o talhe, augmenta os pelos ás pessoas pouco favorecidas; faz desaparecer a barriga, deixando, porém, os quadris e A CAIXA THORACICA completamente livres, o que permite apertar impunemente, tendo mais a grande vantagem de ser excessivamente leve e não ter barbaratanas do lado que diffice os movimentos, e reconhecida-se, sobretudo, pela sua grande duração, seu precizar de concertos, conservando a primitiva forma até o completo uso.

Para dar uma ideia da sua superioridade, basta dizer que entre todos os fabricantes de colletes que concorrerão á grande exposição de Chicago, foi o caso de Mme. Camille Dupuyrat que obtive a UNICA e a mais ALTA RECOMPENSA o que muita honra á Industria nacional.

DEPOSITO EM S. PAULO: Em casa de Mme. A. PENHA

38 Rua Direita 38

MOLDES CORTADOS TAMANHO NATURAL

N. 431. — Vestido com diversas costuras. Preço mais 300.